

JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO INDÍGENA: REPRESENTAÇÕES E
PERMANÊNCIAS NA HISTORIOGRAFIA.
JESUITS AND THE EDUCATION OF THE NATIVES:
REPRESENTATIONS AND PERMANENCE IN HISTORIOGRAPHY

Ester Rosa Ribeiro¹

Resumo:

O presente artigo busca discutir como os jesuítas contribuíram para a construção da representação do indígena do ponto de vista da educação, tornando-o criatura débil impossível de ser civilizada e longe do ideal europeu de educação, bem como essa imagem permaneceu na historiografia sulina.

Palavras-chave: Educação indígena; Jesuítas; Historiografia sul-rio-grandense

Abstract:

This article seeks to discuss how the Jesuits helped to build the image of the natives from the education standpoint, making them weak creatures, impossible to be civilized; and far from the European ideal of education, as well as how this image remained in the southern historiography.

Keywords: Native Education; Jesuits; Historiography of the South of Rio Grande do Sul

DOS CONCEITOS

A Companhia de Jesus surge para conter os avanços da Reforma Protestante travando uma “guerra santa”. No Brasil eles chegam no século XVI e dão início a ações educativas aos filhos dos colonos, principalmente na Bahia e posteriormente em São Paulo. As Missões surgem para converter o indígena ao cristianismo, reduzindo sua cultura a um ideal

¹ Licenciada em História FURG, aluna da Especialização em Educação UFPEL.

“aceitável”, dentro do padrão europeu. A redução da cultura indígena à europeia não foi uma tarefa fácil, e teria ficado, de acordo com os missionários, incompleta ao término das Missões.

Segundo Aranha o ameríndio no Brasil encontrava-se:

.. a mercê de três interesses que às vezes se chocam: a metrópole deseja integrá-lo ao processo colonizador, o jesuíta quer convertê-lo ao cristianismo e aos valores europeus e o colono quer usá-lo como escravo para o trabalho (Aranha, 1989, p. 120).

A educação ideal ministrada pelo jesuíta voltava-se a formação de um homem educado, culto, polido e adequado à sociedade da época. Entretanto nas sociedades indígenas do sul do país, (os documentos usados neste trabalho referem-se a elas) o que os jesuítas encontraram não foram homens educados a maneira europeia. Eles não se adequavam a representação³ do ideal de educação.

Para os jesuítas não haviam educação formalizada entre os indígenas, devido à inexistência de instituições formais de ensino. Desconheciam os padres que na sociedade indígena segundo Emile Durkeim

Sob o regime tribal, a característica essencial da educação reside no fato de ser difusa e administrada indistintamente por todos os elementos do clã. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores (DURKEIM *apud* BRANDÃO, 1986, P.18).

Porém passaram os padres a apontar as falhas dos indígenas no que se refere à educação. As representações construídas, através da busca do ideal passaram a constituir a identidade sobre o ameríndio. Para Chartier através da relação de representação com o mundo social se constrói a identidade, e esta é

“Resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear a definição, de aceitação ou de resistência que cada comunidade produz de sim mesmo” (CHARTIER, 2002).

³ Segundo Chartier as representações são matrizes de práticas construtoras do mundo social. Ela articula-se em três níveis: identidade, representantes do poder e, “... no trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade” (CHARTIER, 2002, p.11).

Nas Missões os jesuítas eram parte da sociedade e através de sua representação a identidade dos indígenas, foi sendo construída e passou a historiografia sulina como verdade incontestável.

A BUSCA DO IDEAL

Nesta segunda parte do trabalho passa-se aos documentos de Sepp sobre as missões jesuítas no Rio Grande do Sul.

Os jesuítas não encontrando a materialização de suas representações da educação, pois as mesmas não existem passam a criticar as atitudes dos indígenas. A crítica, porém é seguida da justificativa de serem abandonados pelo mundo e não serem cristãos, “pobres e simples índios abandonados esquecidos pelo mundo e por ele abandonados” (SEPP, 1980, p. 133).

Pelo fato de estarem os indígenas, segundo o ideal jesuíta, abandonados sem educação cristã e vivendo em pecado, impõe-se à necessidade de conversão à fé. Porém, devido aos indígenas diferirem do ideal europeu de educação, Sepp não acredita que estes possam vir a ser cristãos:

“Esses índios tão pueris, tão grandemente simplórios e de juízo tão curto, que os primeiros Padres, que converteram estes povos, duvidaram realmente se eram capazes de receber os Santos Sacramentos” (SEPP, 1980, p. 144).

Os indígenas são infantilizados quanto à capacidade de raciocínio e aprendizagem de atividades práticas como caça e trabalho agrícola. Muitas passagens deixam evidente esta observação:

Ensinei estes métodos aos meus índios, que por causa de sua grande ingenuidade, nada sabiam dessas artimanhas européias e não conheciam outra maneira de caçar senão de atirar com arco e flexa para cada pássaro isoladamente. (SEPP, 1980, p. 142).

Sobre o trabalho agrícola a concepção do indígena é diferente da européia e, de acordo com os relatos, só era resolvida por meio de castigos corporais. Neste momento pode surgir a questão sobre a relação dos castigos com a educação, tema explícito no relato de Sepp. Os

castigos corporais adquirem caráter paternal, os padres acreditam que pelo castigo estavam educando os ingênuos indígenas, “como um pai castiga aos filhos que ama assim, a castigamos os que merecem!” (SEPP, 1980, p.149).

Quanto às atividades artísticas os jesuítas não acreditam ser o indígena criativo, devido a sua infantilidade. Não há processo educativo visando o desenvolvimento criativo, tudo que artisticamente é produzido pelo indígena de acordo com os jesuítas deve-se a capacidade de imitação ou repetição através de moldes e modelos europeus.

Quem ensinou estes pobres índios abandonados a doutrina cristã... a pintar, fundir sinos, tocar órgão e harpa, corneta, charamela e trombeta... quem os instruiu na música e nos ofícios repetido tantas vezes quantas eram precisas até entrar nas cabeças duras... (SEPP, 1890, p. 135)

Na obra de Sepp há uma interessante nota que convém ser transcrita:

O Pe Sepp era sem dúvida, homem de estudos e boa cultura. Mas seus conhecimentos só podiam ser, evidentemente os de seu século. Motivo por que suas referências sociológicas, botânicas e geográficas encerram preconceitos e erros. Mas de modo algum se deve, considerando este ponto, perder a confiança em suas descrições de viagens. É bom lembrar-se, ao contrario, que em mais de cem lugares a observação sagaz e penetrante do padre jesuíta em muito se adiantou a seu tempo, reconhecendo fatos e fazendo analogias só mais tarde confirmados (MORAIS, apud SEPP, 1980, p.146).

As discussões sobre as referências sociológicas de Sepp buscaram ser discutidas nesta parte do texto sob o viés da educação. Quanto às supostas analogias e observações do jesuíta, acredito que podem ser discutidas utilizando Saint-Hilaire e Moyses Vellinho.

A PERSISTÊNCIA

Saint-Hilaire viajando pelo sul do Brasil entre 1820 e 1821 escreveu em seu diário referências sobre botânica e foi além. No prefácio Guilhermino Cesar faz a seguinte observação:

As peculiaridades da flora, da fauna, a mesma variedade das espécies solicitam a atenção apaixonada desse naturalista francês. Não foi menor também a argúcia

com que buscou observar a nossa sociedade oitocentista, dela nos dando um painel de cores nítidas. (CESAR apud SAINT-HILAIRE, 2002,P.19).

A idéia de observação é pertinente, porém a questão das “cores nítidas” pede mais reflexão, devido ao fato de nos relatos de Saint-Hilaire persistirem as representações desenvolvidas pelos jesuítas sobre o comportamento e educação dos indígenas. O capítulo referência para este trabalho é o XVIII, onde o autor visita as aldeias remanescentes das Missões Jesuíticas de São Luis, São Lourenço, São Miguel, Santo Ângelo e São João.

Saint-Hilaire era francês. Por ser botânico e ter recebido muitos prêmios ao longo da carreira por méritos, deve provavelmente ter recebido educação formal voltada à cultura clássica, algo próximo ao ideal jesuíta. Mesmo sendo um grande estudioso não mostra em seu texto opiniões sobre os indígenas muito diferentes as dos jesuítas, ele corrobora com as representações já difundidas.

Persiste em Saint-Hilaire a infantilidade, principalmente das mulheres, a preguiça, a necessidade de castigos corporais, porém não mais para educar e sim cumprir o trabalho solicitado. Também aparecem as questões de serem os nativos selvagens e com dificuldades em apreender a doutrina cristã católica. “Os índios, como tenho repetido centenas de vezes, comportam-se como crianças: alegres e francos, quando tratados com desvelo; tristes e aborrecidos, quando conduzidos com dureza” (SAINT-HILAIRE, 2002, p.370).

Ao contrário dos jesuítas que não encontraram nenhuma aproximação com o ideal de educação formalizada européia, Saint-Hilaire observou uma escola na aldeia de São Miguel:

No mesmo povoado há, também, um mestre-escola de origem guarani, e que ensina a ler, escrever e contar a uma dúzia de crianças. Estive em sua casa enquanto dava aula; cada criança tinha à mão um pedaço de papelão, onde estavam escritos, pela mão do mestre, em letras muito bem feitas, alguns versículos da Bíblia. Era a lição sobre a qual as crianças se exercitavam na leitura. (Saint-Hilaire, 2002, p. 363).

Na mesma passagem citada a aproximação se dá também pelo ensino cristão, e difere ao descrever o professor que não é europeu branco ou padre. Ele é um indígena, o que contraria a representação de infantilidade, tolice ou dificuldade de aprendizagem, pois ele, além de ter aprendido a doutrina cristã aprendeu o suficiente dos fundamentos da educação a moda européia que é capaz de ensinar. Contudo a esse fato Saint-Hilaire não atenta.

Tão pouco atenta Vellinho para as peculiaridades positivas do indígena. O autor usa dos relatos de Sepp e Saint-Hilaire, porém é bem mais agressivo quanto às especificidades e mais preconceituoso. Mesmo fazendo uso de fontes históricas⁴ o autor cria outra versão para o fim das Missões, e que nada teriam contribuído para influenciar a formação do Rio Grande do Sul: “nada nos dizem como elemento de integração os entulhos dos Sete Povos” (VELLINHO, 1970, p.96).

Em seu texto Moysés Vellinho tenta justificar a decadência das Missões pelas atitudes dos indígenas. Dessa forma as idéias presentes em Sepp e Saint-Hilaire persistem, como a irresponsabilidade, vícios, caráter instável, infantilidade, capacidade de imitação, incapacidade, preguiça estúpidez e a questão do trabalho: “Combinação de inferioridades de tal modo inerentes às suas peculiaridades de raça e estágio cultural, que contra elas nada puderam 150 anos de cerrada catequese” (VELLINHO,1970 p. 84).

À época que Moysés Vellinho escreveu (década de 1960), as teorias raciais já não faziam eco, bem como outros aspectos culturais já haviam sido derrubados ou explicitados. Porém, o autor usa de artifícios já ultrapassados e de idéias que foram construídas através da representação atribuídas aos indígenas pelos jesuítas.

CONCLUSÃO

Pelo acima descrito conclui-se que a representação construída sobre a educação indígena pelo jesuíta e corroborada por Saint-Hilaire, perpetuou-se na historiografia sulina. Dessa forma muito deve ser feito para mudar a representação historiográfica atribuída sobre o indígena, tendo em vista tal perspectiva ter-se tornado senso comum e ainda persistir em trabalhos acadêmicos. Acredito que novos estudos devam despontar e espero sirvam para desconstruir as representações pejorativas, anacrônicas e preconceituosas da historiografia sulista.

⁴ Segundo o autor a Coleção De Angelis.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SEPP, Antônio. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos*. Belo horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

VELLINHO. Moysés. *Capitania d'El Rei*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.